

Como pode uma mulher que confia no marido cegamente—mais ou menos—enfrentar um mundo cheio de outras?

CONFISSÕES DE UMA MULHER CIUMENTA



Condensado de REDBOOK
JUDITH VIORST

NO OUTRO LADO da sala está uma pequena de 19 anos de idade, cabelo escorrido partido ao meio e um vestido colante ligeiramente mais curto do que o seu cabelo. Seus olhos são claros e o rosto tem o frescor de uma pessoa que não é despertada por bebês às seis horas da manhã. Ela está atenta a cada palavra de meu marido, como se êle fôsse Warren Beatty, porém mais inteligente.

Começo a sentir-me como Otelo. Em suma, estou com ciúmes. Minha única desculpa por sentir uma emoção tão doentia, antipática e imatura é a desconfiança—não, a certeza!—de que tôdas as espôsas de vez em quando sentem ciúmes.

E por que não? O ciúme não é reservado apenas para aquêle momento cataclísmico em que o marido apanha a escôva de dentes e foge

com a vizinha do lado. O ciúme está sempre pronto para atacar por motivo muito menor—um olhar mais demorado para as curvas de uma garôta de calças bôca-de-sino; uma conversa prolongada com aquela garôta de cabelos escorridos, ou mesmo um entusiasmo injustificável pela opinião da vizinha do lado sobre a poluição da água. De fato, podemos sentir ciúme da família de nosso marido, do seu sócio no trabalho, do seu melhor amigo ou dos seus parceiros de jôgo, se acharmos que êle está procurando, ou encontrando, nêles alguma coisa que não está recebendo de nós.

São, entretanto, as outras mulheres que provocam os nossos maiores ciúmes. Creio que o objeto das meditações de muitas de nós, após alguns anos de casadas, é o fato de que não mais ofuscamos, encantamos nem deleitamos constantemente o homem com quem casamos. Êle já nos viu ao café usando aquêle roupão com a manga rasgada, com uma mancha de rímel da noite anterior debaixo dos olhos. Êle já nos viu raspando as pernas, de rolos nos cabelos e gritando com o bombeiro. Êle pode imaginar que as outras mulheres também roncam e às vêzes rosnam, mas quando olha para a sua legítima espôsa não precisa imaginar—êle tem certeza.

Quando êle conversa com outra mulher sobre a sua última viagem de negócios (você já ouviu a história três vêzes), ela se inflama de interesse; quando êle se queixa das

dores nas costas (você bem que aconselhou que êle não levantasse aquela caixa pesada), ela faz beicinho penalizada; e quando êle lhe conta aquêle caso hilariante (você não achou tão engraçado assim), ela morre de rir. As espôsas também ouvem—é claro que ouvem—mas raramente com aquêles lisonjeiros entusiasmos, trejeitos e gargalhadas.

Uma senhora casada pode colhêr informações assombrosas acêrca do seu companheiro pela simples observação dêle numa conversa a dois com outra mulher. Por exemplo... marido à sereia de pele bronzeada, com o adorável narizinho salpicado de sardas: “Eu tenho uma vontade louca de fazer surfe em Waikiki.” Tem mesmo? Em primeiro lugar, êle não entende nada de pranchas de surfe. Em segundo lugar, a água do mar dá-lhe comichão no corpo. E, em terceiro, é provável que nós o tivéssemos de ressuscitar mediante respiração artificial se êle chegasse perto de uma onda daquelas.

Muitas de minhas amigas também descobriram pela primeira vez, graças a uma vigilância discreta, que seus maridos sabem citar versos inteiros de Catulo, ou que anseiam por largar seus empregos para se tornarem veterinários. Descobriram igualmente que, incentivado por um sorriso de outra mulher, o marido pode repentinamente dominar a arte de acender o cigarro de uma senhora, de encontrar sua bôlsa e até de ouvir tôdas as palavras que

ela diz. E enquanto êle se sente encantado, encantador, comovedor, profundo, espirituoso, galante e eufórico, nós ficamos enciumadas.

A outra, infelizmente, pode ser encontrada não apenas nas festas, onde a legítima pode ao menos estudar a concorrência em ação, derramar um copo de bebida no vestido, interromper papos prolongados ou inventar uma dor de cabeça. Existe um estoque interminável de outras lá fora no vasto mundo—secretárias e assistentes de dentistas e de diretores, e as antigas paixões em outras cidades.

Não quero dizer que nós, as esposas, passemos todos os nossos momentos morrendo de medo de que nossos maridos caiam nos braços de outra mulher. Mas lembro-me de quando meu marido recebeu uma conta de hotel (quarto de casal) numa estação de férias aonde eu nunca fôra; de quando encontrei a chave de um motel da cidade na gaveta da cômoda dêle. Não preciso me dar ao trabalho de explicar o que passou pela minha cabeça até saber, sem sombra de dúvida, que o hotel fôra aquêle ao qual êle levará nosso filho mais velho para esquiar, e que a chave do motel fôra esquecida lá em casa por um amigo que nos visitara.

Muitas vêzes parece não importar se nossos maridos estão realmente tendo encontros com suas jovens e vistosas assistentes de pesquisa (meu marido nunca tem assistentes de pesquisa velhas ou feias), ou se estão

apenas pedindo a opinião delas sôbre uma moléstia do gado. Quando ficamos com ciúmes, o raciocínio desaparece e praticamos tôdas as coisas mesquinhas, malvadas, covardes, desesperadas, e às vêzes cômicas que as pessoas tendem a fazer quando estão zangadas e magoadas.

A técnica do silêncio de tímulo é uma grande favorita entre as mulheres ciumentas, porque consegue castigar o marido ao mesmo tempo que mantém a própria dignidade. Para aquelas que não possuem o autocontrôle necessário para manter silêncios de tímulo (eu não tenho), existe sempre o ataque verbal, que pode variar da discussão racional ao sarcasmo e à acusação direta, muitas vêzes acompanhada de lágrimas. Eu gosto muito do sarcasmo, mas me saio muito melhor com o ataque direto, como: Devasso! Tarado!

Minha amiga Connie diz que tôda vez que tem um ataque de ciúmes senta-se com o marido e insiste em que êle lhe conte tudo, alegando que ela é uma mulher sensata e realista que pode enfrentar com inteligência a verdade, seja qual fôr. “E se algum dia êle me disser que está tendo um caso”, acrescenta Connie, “vou buscar uma faca de açougueiro e cravo-a nêle.”

Outras mulheres recorrem a uma fiscalização incessante das atividades do marido. São essas as senhoras que marcam as consultas com os dentistas para as quintas-feiras, quando está de folga a enfermeira

ruiva e está de plantão a vovó de cabelo grisalho. São essas também as senhoras que não têm o menor escrúpulo em pôr têrmo a uma amizade de infância, se o tal amigo de infância fôr por acaso um solteirão farrista ou uma divorciada desnecessariamente atraente.

Embora seja certo que eu também já tenha riscado algumas bonitonas da nossa lista de convidados, prefiro os programas de aperfeiçoamento, com base na teoria de que uma forma excelente de se enfrentar o ciúme é tentar tornar-se misteriosamente fascinante e versátil. Desde que nos casamos, já tentei exercícios isométricos, aulas de piano, violão e línguas estrangeiras, pintura abstrata, um curso de literatura, e—Deus meu!—o esqui. Infelizmente, Milton ameaçou mudar-se para um hotel se eu continuasse com o piano, e pôs um ponto final na minha carreira de pintura há dois anos quando pendurou uma de minhas obras-primas no porão ao lado da caldeira de aquecimento. Desconfio que a maior parte dos meus outros projetos está fadada a um destino semelhante, e que eu vou continuar a ser reconhecida como a velha espôsa do roupão rasgado.

A nossa conclusão melancólica deve ser que nós só poderemos ser outra mulher para outro homem, o

que é a espécie de raciocínio que pode levar ao jôgo mais decepcionante de que a mulher casada pode participar—tentar fazer com que seu marido sinta ciúmes também. Êle provavelmente se recusará—a despeito da decidida provocação—a mostrar o mais leve sinal de ciúme. Tôda vez que eu tentei a brincadeira de fazê-lo sentir ciúmes, com comentários como: “Se você não quer ver aquêle filme hoje à noite, talvez eu vá com Dave”, ou “Paul disse que eu ficaria um estouro se cortasse meu cabelo bem curtinho”, invariavelmente provoquei a mais insatisfatória das respostas. “Faça o que quiser”, diz sempre meu marido. E isso me deixa sempre sem fazer absolutamente nada.

De modo que vou continuar nos coquetéis sociais a me preocupar com as garôtas de 19 anos de minissaia, e pretendo fazer uma cena tremenda se algum dia encontrar batom côm-de-rosa (o meu é bege) no colarinho de meu marido. Mas nos dias em que me sinto mais madura e segura de mim mesma, confessarei também que um homem sem atrativos para outras mulheres, sem bastante vitalidade para apreciar outras mulheres, um homem incapaz de me fazer sentir ciúmes, nunca poderia ser o tipo de homem que eu amo.





O fogão nosso de cada dia

Brastemp é o fogão mais moderno que existe. De linhas arrojadas. É o fogão para cada dia e para sempre, sempre atual e sempre em forma. Agora em novas cores. Nova mesa

inteiriça muito mais fácil de limpar. O fogão Brastemp entra em sua casa para ficar. Para trabalhar dia a dia. Sem feriado. Mas feliz. Brastemp é o companheiro que não nega fogo.

VÁ AO REVENDEDOR BRASTEMP

E LEIA
ISTO



BRASTEMP